

edição 173 (31-05-2008)

País investe 0,09% do PIB em saneamento básico

Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) concluiu que há uma relação direta entre acesso ao saneamento básico e saúde das populações. O estudo mostra que crianças até seis anos de idade sem acesso à rede de esgoto têm 32% de chances maiores de morrerem. Em Blumenau, 100% das infecções por hepatite A e leptospirose são causadas pela falta de saneamento básico.

De acordo com a pesquisa, o Brasil investe apenas 0,09% do Produto Interno Bruto (PIB) em saneamento básico. O resultado dessa política é que somente 46% da população brasileira têm acesso a tratamento de esgoto, índice que diminui para 2,9% nas áreas rurais. Para tentar reverter a situação, a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) pretende aplicar R\$ 1 bilhão do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), por ano, em tratamento de água e esgoto nos municípios com até 50 mil habitantes.

No início do mês, a Prefeitura assinou a ordem de serviço para ao início da construção de estações de tratamento e redes coletoras na cidade – o PAC do Esgoto. As obras exigirão investimentos de R\$ 41 milhões, R\$ 32,8 milhões do Governo Federal e R\$ 8,2 milhões do Município. O diretor de Vigilância em Saúde de Blumenau, Marcelo Schaefer, afirmou que diminuição do risco de transmissão de doenças de veiculação hídricas é proporcional ao aumento da rede de coleta e tratamento do esgoto.

Já o presidente da Funasa, Danilo Fortes, destacou a importância do saneamento básico na política de saúde. “Em Canindé do Ceará foi feito o saneamento básico em 50% do município e isso reduziu em 60% as internações hospitalares por doenças de veiculação hídrica”, exemplifica. Segundo ele, a população de baixa renda tem muito menos acesso a esses serviços e é muito mais penalizada por estar exposta a doenças originárias da falta de saneamento.

A pesquisa mostra ainda que o acesso à rede de esgoto varia de um índice de 25,57% para as pessoas sem nenhum ano de instrução para 70,83% entre a população com 12 ou mais anos de estudo. Outro indicativo dessa desigualdade é que apenas 17,55% da população sem acesso a saneamento pleno possui plano de saúde privado, contra 35,48% do restante.

Segundo Fortes, o aumento de recursos para o saneamento básico é necessário para corrigir a falta de investimentos no setor na última década.

Brasil vai ter 100% das casas com tratamento de esgoto só em 2122

E com o atual nível de investimento em obras de saneamento, o Brasil só conhecerá a universalização do acesso ao esgoto tratado quando em 2122, no tricentenário da independência. A avaliação é da Fundação Getúlio Vargas, cuja pesquisa mostra também que a mortalidade na infância (crianças de um a seis anos) é maior em regiões onde não existe rede coletora de esgoto.

Apesar da gravidade, o avanço da rede de esgoto no Brasil é bem inferior em comparação a outros serviços públicos como o abastecimento de água, coleta de lixo ou eletricidade. “Para uma nação que pretende integrar o grupo de países mais desenvolvidos, o Brasil não pode ficar mais à mercê de estatísticas tão ruins como estas. A universalização do saneamento no País é essencial para melhorar os indicadores de desenvolvimento humano”, diz Luis Felli, presidente do Trata Brasil, instituto que encomendou a pesquisa à FGV.

Em relação à mortalidade na infância, o coordenador da pesquisa, Marcelo Néri, lembra que o resultado não é encontrado na literatura médica. “Mas, ao cruzar os dados com os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), pudemos relacionar a falta de saneamento com as causas da mortalidade dessas crianças”, informa.

Ele explica que os bebês de até um ano têm menos chances de morrer por doenças provocadas pela falta de tratamento de esgoto, pois ficam mais em casa e relativamente protegidos. “Já as crianças maiores, principalmente os meninos, são mais suscetíveis porque brincam perto das valas”, explica, lembrando que a falta de coleta e tratamento de esgoto aumenta a probabilidade de natimortos.